

O PROCESSO DE LEITURA EM NARRATIVA DISTÓPICA DA FRANQUIA OS VINGADORES: ESTUDO DIALÓGICO SOBRE MASCULINIDADES

Lucas Kevin Silva de Lima¹³⁸
Márcia Adriana Dias Kraemer¹³⁹

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Este trabalho trata da análise acerca das masculinidades na narrativa distópica da franquia *Os Vingadores*. A delimitação temática tem como escopo o estudo da heterogeneidade constitutiva e mostrada (marcada e não marcada) no discurso, sob a perspectiva dos estudos dialógicos da linguagem (Bakhtin, 2016[1979]; Volóchinov, 2018[1929]; Medviédev, 1928[2019]) e com foco nas masculinidades no que tange à ordem de gênero (Connell, 2015; 2016), a partir da análise do protagonista do filme *Capitão América: Guerra Civil* (2016), da franquia *Os Vingadores*. Na pergunta problematizadora que norteia a investigação, questiona-se em que medida é possível (re)conhecer as representações de masculinidades, a partir da análise em perspectiva dialógica do discurso, na construção de personagens, como o protagonista do filme.

O objetivo geral é analisar, por meio do prisma teórico, os discursos em torno do protagonista da narrativa fílmica distópica *Capitão América: Guerra Civil* (2016), da franquia *Os Vingadores*, a fim de responder à pergunta de pesquisa. Para isso, desdobram-se os objetivos específicos: a) estudar os pressupostos teóricos do Círculo de Bakhtin (Bakhtin, 2016[1979]; Volóchinov, 2018[1929]; Medviédev, 1928[2019]), no que tange aos conceitos fundantes da perspectiva dialógica de linguagem; b) pesquisar sobre o estudo das masculinidades, a partir dos conceitos elaborados por estudiosos da ordem de gênero; c) investigar a heterogeneidade constitutiva e mostrada (marcada e não marcada) nos discursos em torno do protagonista *Capitão América*, para o (re)conhecimento das representações de masculinidades, a partir da ordem de gênero, no filme.

Este estudo justifica-se, uma vez que emerge da necessidade de (re)pensar o homem como sujeito social, histórico e cultural e as diferentes expressões de masculinidades presentes nos discursos que, dialogicamente, constroem e são construídos, por meio de personagens da narrativa fílmica *Capitão América: Guerra Civil*. A investigação torna-se pertinente, porque a franquia *Os Vingadores* possui grande difusão na atualidade, alcançando pessoas de diferentes gêneros, raças, etnias, crenças e idades, sendo assim, um *corpus* com determinada universalidade.

1 METODOLOGIA

¹³⁸ Graduado em Letras – Português e Espanhol. Universidade Federal da Fronteira Sul - UFFS. lucaskevinlu23@gmail.com

¹³⁹ Doutora em Estudos da Linguagem pela Universidade Estadual de Londrina – UEL, Bolsa Capes. Professora do Magistério Superior na Universidade Federal da Fronteira Sul, vinculada ao Curso de Letras – Português e Espanhol – Licenciatura, Campus Realeza, PR; e ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos – PPGEL, Campus Chapecó, SC. marcia.kraemer@uffs.edu.br

Este estudo caracteriza-se, quanto à natureza, como teórico-empírico, pressupondo a discussão e a fundamentação da literatura especializada na área, além da busca pela compreensão prática, a fim de realizar reflexões acerca das masculinidades. Os dados são gerados por meio de documentação indireta, em pesquisa bibliográfica e investigação da narrativa fílmica. Para a análise e a interpretação das informações, o método abordado é o dialético - entendido como uma das possibilidades de (re)construção de conhecimento no campo das Ciências Humanas, o qual permite a compreensão do ser humano como ser histórico e social.

2 ESTUDO DIALÓGICO DA LINGUAGEM SOBRE MASCULINIDADES

A fundamentação teórica deste trabalho é desenvolvida em duas etapas: a primeira trata da exposição de teorias acerca da análise linguística em perspectiva dialógica da linguagem, a partir dos pressupostos teóricos do Círculo de Bakhtin, no que tange aos gêneros discursivos; a segunda apresenta os construtos teóricos acerca do estudo de gênero e das masculinidades (Connell, 2015; 2016; Baliscei, 2020).

O estudo da linguagem em perspectiva dialógica, fundamentado nos pressupostos teóricos do Círculo de Bakhtin, relaciona, de maneira muito particular, a interação humana e a produção de enunciados, de modo que a linguagem assume aspectos situacionais, contextuais, históricos, sociais e ideológicos no discurso. De acordo com Kraemer, Lunardelli e Costa-Hübes (2020), a linguagem pode ser entendida como interação discursiva, pois constitui-se como um processo relacional em que os sentidos são negociados entre interlocutores. Sendo assim, um processo ininterrupto, dinâmico e mutável.

Trata-se de um sistema de representação simbólica que surge da necessidade de comunicação entre os sujeitos sociais, portanto, social e histórica, ao passo que é constituída e adaptada de acordo com as relações sociais ao longo do tempo. Assim, a linguagem organiza o pensamento, as experiências e as relações humanas, permitindo a expressão de saberes, valores e modos de ser, conforme se constroem socialmente pela interação (Kraemer; Lunardelli; Costa-Hübes, 2020).

Logo, ao formar, organizar e mediar o pensamento, a linguagem assume papel indispensável a todas as relações sociais, como conhecimentos, valores, sentidos, o modo de ser, de agir e de pensar. Por isso, a linguagem é, também, permeada pela ideologia, de modo que ambas se constituem dialeticamente (Volóchinov, 2018[1929]).

Nesse sentido, no que tange às axiologias, estudar as masculinidades é também compreender a “ordem de gênero”, que se refere a padrões das sociedades contemporâneas, em se tratando de comportamento, papéis sociais e performances de homens e mulheres (Connell; Pearse, 2015). Para tanto, tal conceito possui caráter, fundamentalmente, sociológico, relacionando-se com diversas áreas do conhecimento, uma vez que o gênero pode ser confundido com sexo ou mesmo tido como sinônimo desse. Cabe pontuar que, enquanto o primeiro diz respeito a questões naturais, relativas à biologia, exclusivamente, o segundo relaciona-se com questões do âmbito psicológico, social e cultural, intrínsecas à subjetividade humana (Wood, 2021).

Dessa forma, entende-se que o gênero é (re)construído pelas próprias pessoas, para si e para outras, à medida em que se submetem ou não a normas e convenções da sociedade, independente do teor que possuem, seja no que se refere a comportamentos, vestimentas, papéis sociais ou outra área da vida em sociedade. O estudo das masculinidades emerge no final do século XX do apoio às lutas feministas e do movimento *gay*. De acordo com Guerrero (2012), são definidos inicialmente como antisssexistas e profeministas, de modo que surgiram por meio de intervenções acadêmico-científicas, dos movimentos supracitados, como objeto de investigação junto ao patriarcado e à dominação dos homens (Baliscei, 2020).

Pode-se afirmar que as problematizações dos movimentos em foco são responsáveis por desencadear reflexões acerca do homem, da sua função histórica de dominação e de soberania, além, conseqüentemente, da questão relacionada às masculinidades. A partir do estudo em questão, percebe-se que as masculinidades são padrões sociais (Connell, 2016), construídos dialeticamente, por meio de processos históricos, com dimensões que contemplam o mundo todo, de maneiras distintas, de acordo com as especificidades culturais de cada sociedade.

Ao despertar para tais reflexões, emergem as relações de poder imbricadas à desigualdade de gênero, que realizam a manutenção de privilégios de alguns homens, visto que tais concessões não beneficiam a todos, na medida que excluem homens que não correspondem ao ideal de masculinidade hegemônica “[...] como ocorre com *gays*, negros, transexuais, afeminados, homens sensíveis, idosos, fracos ou debilitados e homens desfavorecidos economicamente” (Baliscei, 2020, p. 95).

Tendo em vista tais questões, cabe refletir sobre as masculinidades, considerando sua pluralidade, de modo a (re)pensar a concepção hegemônica sobre o homem e o masculino, que, por vezes, é percebida como universal ou exclusiva e que qualquer comportamento que não esteja contemplado nessa, pode ser suprimido, a fim de alcançá-la.

3 RESULTADOS E DISCUSSÕES

A reflexão fundamenta-se na investigação dos elementos constitutivos e orgânicos do gênero, a partir da interação discursiva que emana dos enunciados. Em primeiro momento, faz-se um apanhado geral de conceitos fundamentais do Círculo de Bakhtin, a fim de compreender a teoria utilizada na pesquisa. Em seguida expõe-se a teoria da ordem do gênero e, por conseguinte, o estudo das masculinidades, também utilizado na investigação.

Do ponto de vista do estudo do enunciado, privilegia-se a análise da dimensão contextual da narrativa fílmica, em que se atenta ao horizonte cronotópico (campo de atividade humana, tempo e espaço social, veículo e suporte de circulação), temático (conteúdo temático, intencionalidade e ideologia) e axiológico (autoria, interlocução e papéis sociais); bem como a análise da dimensão linguístico-semiótica, em que se focaliza o tema, a construção composicional e o estilo do filme.

Para análise e reflexão crítica, são selecionados recortes de cenas do filme *Capitão América: Guerra Civil* (2016) em que são proferidos enunciados que possibilitam, por meio da análise discursiva, perceber representações de masculinidades. As escolhas visam a contemplar a heterogeneidade discursiva

(Authier-Revuz, 1990), revelando conflitos, tensões e deslocamentos no modo como o masculino é construído na narrativa. Assim, possibilita-se observar como os sujeitos são posicionados em relação às normas de gênero que permeiam a narrativa.

Nos recortes, identifica-se que o Capitão América adota uma postura séria e determinada, marcada por expressões faciais firmes, entonação autoritária e frases curtas com tom de comando, elementos que evidenciam seu lugar de liderança e sua autoridade. Esses traços são compatíveis com a masculinidade hegemônica, associada à racionalidade, ao autocontrole e à capacidade de decisão (Connell, 2003). Ao defender sua posição, o personagem mobiliza argumentos que sustentam um ideal coletivo, centrado na missão dos Vingadores, liderados por ele, de garantir a segurança global, reforçando o papel de sua masculinidade heroica como garantia de ordem e estabilidade.

Entretanto, a masculinidade hegemônica, performada pelo Capitão América, não se sustenta em si mesma, mas por uma complexa dinâmica de relações de poder, na qual diferentes sujeitos, mesmo que ocupem posições subalternas, no que tange às masculinidades, colaboram com a manutenção da ordem de gênero vigente (Baliscei, 2020). Em recortes de cenas protagonizadas por outros personagens masculinos, ainda que performando uma masculinidade subalterna, percebe-se uma reafirmação simbólica de um ideal de masculinidade sustentado por atributos como força, coragem, controle emocional e superioridade física, característicos do modelo hegemônico no contexto ocidental (Connell; Pearse, 2015).

Fica evidente, a partir da análise do filme, a complexidade e a multiplicidade de vozes que perpassam a (re)construção discursiva das masculinidades na obra. É possível identificar tanto a reafirmação explícita da masculinidade hegemônica, quanto formas mais sutis de questionamento e deslocamento dessa lógica, expressas por meio de performances que incorporam hesitação, cuidado e posicionamentos axiológicos divergentes. Essa diversidade de representações confirma a centralidade do discurso na (re)produção e na negociação das masculinidades, evidenciando que tais identidades não são estáticas, mas resultado de processos históricos, sociais e discursivos permanentemente em disputa.

A heterogeneidade constitutiva permeia todas as interações, evidenciando o embate entre múltiplas vozes sociais e ideológicas que disputam sentidos sobre o que é ser homem. Nesse contexto, a heterogeneidade discursiva revela-se fundamental para compreender as múltiplas performances de masculinidade apresentadas, sobretudo no que se refere à manutenção das normas vigentes e à marginalização das expressões alternativas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este relato mostra um recorte da pesquisa acerca da ordem do gênero, em específico, do estudo das masculinidades, analisadas a partir da narrativa fílmica distópica *Capitão América: Guerra Civil (2016)*, da franquia *Os Vingadores*, sob a perspectiva dos estudos dialógicos da linguagem. A questão norteadora da pesquisa busca compreender até que ponto é possível identificar e interpretar as representações de masculinidades, por meio de uma análise discursiva orientada

por uma perspectiva dialógica, na construção de personagens como o Capitão América.

Entende-se que a pesquisa alcança o objetivo principal que é examinar, sob um arcabouço teórico, os discursos relacionados ao protagonista da narrativa fílmica distópica, com o intuito de responder à questão proposta. Como resultado, a análise revela a presença de múltiplas vozes que perpassam a (re)construção das masculinidades, bem como a centralidade do discurso na (re)produção e negociação do masculino. A heterogeneidade constitutiva mostra-se presente em todas as falas analisadas e evidencia o confronto entre diferentes sentidos de ser homem e a tensão entre normas hegemônicas e expressões alternativas.

Ao analisar uma narrativa da cultura popular, o estudo demonstra que o discurso fílmico funciona como espaço privilegiado de negociação identitária, em que se (re)produzem e se contestam modelos hegemônicos de masculinidade, de modo que haja possibilidade de ampliação dos estudos da ordem de gênero no âmbito da linguagem em perspectiva dialógica.

REFERÊNCIAS

AUTHIER-REVUZ, J. Heterogeneidades Enunciativas. Tradução de Celene M. Cruz e João Wanderley Geraldi. In: **Caderno de Estudos Linguísticos**, Campinas: Unicamp/IEL, v.19, p. 25-42, jul./dez. 1990.

BAKHTIN, M. M. (1979). **Os Gêneros do Discurso**. Paulo Bezerra (Organização, Tradução, Posfácio e Notas); Notas da edição russa: Seguei Botcharov. São Paulo: Editora 34, 2016.

BALISCEI, J. P. (2020). **Provoque**: cultura visual, masculinidades e ensino de artes visuais. 1. ed. Rio de Janeiro: Metanoia, 2020.

CAPITÃO América: Guerra Civil. Direção: Anthony Russo e Joe Russo. Produção: Kevin Feige. Companhia Produtora: Marvel Studios. Distribuição: Walt Disney e Studios Motion Pictures. Estados Unidos da América: 2016 (147min), son., cor.

CONNELL, R. **Masculinidades**. 1 ed. Traducción de Irena Ma. Artigas. México: Universidad Nacional Autónoma de México, 2003.

CONNELL, R.; PEARSE, R. **Gênero**: uma perspectiva global. 1. ed. São Paulo: Versos Editora, 2015.

CONNELL, R. **Gênero em Termos Reais**. 1. ed. São Paulo: Versos Editora, 2016.

GUERRERO, Olivia Tena. Estudiar la masculinidad, ¿para qué? In: GRAF, Norma Blazquez; PALACIOS, Fátima Flores; EVERARDO, Maribel Ríos (org.).

Investigación Feminista: Epistemología, metodología y representaciones sociales. México: UNAM, Centro Regional de Investigaciones Multidisciplinarias: Facultad de Psicología, 2012, p. 271-292.

KRAEMER, M. A. D.; COSTA-HÜBES, T. C.; LUNARDELLI, M. G. A Linguagem e sua Natureza Ideológica. In: FRANCO, N.; PEREIRA, R. A.; COSTA-HÜBES, T. C.



Estudos Dialógicos da Linguagem: reflexões teórico-metodológicas. São Paulo: Pontes Editores, 2020, p. 63-88.

MEDVIÉDEV, P. N. (1928[2019]). **O Método Formal nos Estudos Literários:** introdução crítica a uma poética sociológica. Apresentação de Beth Brait. Prefácio de Sheila Grillo. Tradução e notas de Ekaterina Vólkova Américo e Sheila Grillo. São Paulo: Contexto. 272p.

VOLÓCHINOV, V. N. (1929-1930). **Marxismo e Filosofia da Linguagem:** problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem. Tradução, notas e glossário de Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. Ensaio introdutório de Sheila Grillo. 1. ed. São Paulo: Editora 34, 2018.

WOOD, G. W. **Psicologia do Gênero.** Tradução de Sonia Augusto. São Paulo: Blucher, 2021.